

O LIVRO DE DANIEL: LITERATURA DE RESISTÊNCIA?

Dionísio Oliveira Soares

Introdução

Desde o aparecimento do livro de Daniel nas Escrituras Hebraicas, suas narrativas e visões apocalípticas alcançaram grande popularidade e muita controvérsia. Os intérpretes do livro já encontraram um pastiche de gêneros e pontos de vista sociológicos e ideológicos, afora as questões de autoria, datação e marco social. Além disso, existe a questão linguística, que também não ajuda a discernir uma estratégia hermenêutica tão coerente. Neste artigo, o objetivo é analisar o texto de Daniel como possível literatura de resistência, gênero comum no Período Helenístico, época considerada como sendo a da redação do livro em sua forma final.

1. Questões literárias e relativas ao marco social do livro: o gênero literário

O livro de Daniel resiste a uma classificação fácil, pois contém duas formas literárias (narrativa e visão), duas línguas (hebraico e aramaico), e dois pontos de vista sobre como se deve viver sob a dominação estrangeira (em colaboração com governantes existentes ou com hostilidade em relação a tais governantes)¹. O primeiro par de dicotomias (forma literária e língua) é facilmente observado, mas de difícil explicação. O livro é frequentemente identificado como o melhor exemplo de literatura apocalíptica presente na Bíblia Hebraica, devido às vigorosas visões da segunda metade do livro (capítulos 7–12). O argumento é que a literatura apocalíptica tem geralmente uma estrutura narrativa, e Dn 1–6 forneceria a plataforma introdutória para as visões transcendentais presentes na segunda parte².

Há um consenso entre os estudiosos de que o gênero literário de todo o livro pode ser classificado como “apocalíptico”, considerando-se que a *apocalíptica enquanto mentalidade* pode ser expressa em diversas formas literárias, abrangendo, no caso da apocalíptica judaica, um espaço de tempo de três séculos ou mais, com muitos paralelos mais antigos³. Nesse grande período, incluem-se obras tão diversificadas que uma

1. Cf. GOODING, D.W. The Literary Structure of the Book of Daniel and Its Implications. *TynBul* 32 (1981), p. 43-79.

2. Cf. GANE, R. Genre Awareness and Interpretation of the Book of Daniel. In: MERLING, D. (Ed.). *To Understand the Scriptures: Essays in Honor of William H. Shea*, p. 136-148. Esta é também a opinião de J.J. Collins: “No contexto do livro de Daniel como um todo as narrativas nos capítulos 1–6 servem como introdução para as revelações nos capítulos 7–12” (COLLINS, J.J. *Daniel: A Commentary on the Book of Daniel*, p. 52).

3. Sobre a discussão da apocalíptica e sua expressividade literária, cf. SOARES, D.O. A literatura apocalíptica: o gênero como expressão. *Horizonte* 7.13 (2008), p. 99-113.

definição abrangendo características específicas será válida para umas obras, mas não para todas.

Há consenso também na divisão em dois grandes blocos (afora os acréscimos gregos), capítulos 1–6 e capítulos 7–12. O segundo bloco é taxativamente caracterizado, sem dúvida, como apocalíptico, pois apresenta várias características desse gênero (pseudonímia, um visionário e um mediador, linguajar mítico e simbólico, profecia *ex eventu*, determinismo histórico). Independentemente da discussão referente ao gênero da primeira parte, Collins assinala que:

Tomado como um todo, Daniel é um *apocalipse* [...]. Mais especificamente, ele pertence ao subgênero *apocalipse 'histórico'*, o qual não implica uma viagem a outro mundo, mas é caracterizado pela profecia *ex eventu* da história e pela escatologia que é cósmica no intuito e possui um foco político⁴.

Assim, os capítulos 7–12 apresentam as características da apocalíptica em forma e conteúdo, deixando pouca dúvida na classificação do gênero para esta parte do livro, ao passo que as narrativas de Dn 1–6 sempre suscitaram dúvidas na classificação do livro como pertencente ao gênero apocalíptico. Sendo assim, os acadêmicos sempre debateram as razões para essas diferenças entre as duas partes e também como interpretar as mudanças no gênero.

Já há algum tempo, Gammie sumariou as diversas propostas de classificação do primeiro bloco do livro de Daniel:

Um número de pesquisadores tem negado que as histórias de Daniel 1–6 possam ser propriamente classificadas como apocalípticas. Elas têm sido classificadas, antes, como histórias da corte, romances populares, lendas de mártires, aretologias, estórias paradigmáticas ou sabedoria dramatizada ou pertencentes ao gênero hagádico⁵.

Gammie assevera então que os capítulos do primeiro bloco são “romances” ou “histórias da corte”, constituindo-se de diversas formas literárias (“subgêneros”) da apocalíptica. Por outro lado, considera que “um reconhecimento devido pode ser dado à variedade de subgêneros dentro do livro sem com isso se negar a classificação geral de ‘apocalíptico’”⁶.

Josef Schreiner, num estudo acerca das formas literárias presentes no Antigo Testamento, classifica as narrações dos seis primeiros capítulos de Daniel como “lendas” (em sentido original, “o que deve ser lido”, não uma palavra falada). Segundo

4. COLLINS, J.J. *Daniel, with an Introduction to Apocalyptic Literature*, p. 33. Segundo a classificação de Collins, o *apocalipse histórico* é aquele em que é feita uma inspeção da história enquanto conducente a uma crise escatológica sem referência à viagem transcendental; o outro tipo básico é justamente o *apocalipse de viagem transcendental*, o qual descreve viagens a outro mundo e pode se referir à inspeção histórica, a fenômenos cósmicos ou à sorte do indivíduo após a morte (ibidem, p. 6-19).

5. GAMMIE, J.G. The Classification, Stages of Growth, and Changing Intentions in the Book of Daniel. *JBL* 95.2 (1976), p. 191-204; aqui p. 191.

6. Ibidem, p. 193.

ele, essa forma literária constituiu-se de um personagem exemplar, chamado e possuído por Iahweh, e de um linguajar edificante que incentiva os leitores a confiar em Iahweh e a obedecer a ele. Estão presentes também o dualismo “bem e mal” e um “gosto” pelo milagre como prova do poder divino e da ação vigorosa de Deus. A expressão principal desse gênero é a narração⁷.

Collins divide os relatos da corte em duas categorias: “relatos de disputa” (Dn 2,4 e 5) e “relatos de conflito” (Dn 3 e 6)⁸. Nos primeiros o foco incide sobre a superioridade da sabedoria de Daniel; já os últimos constam essencialmente de dramas de perigo e livramento. Nos relatos de conflito a sabedoria desempenha um papel pequeno: os heróis não escapam do perigo por sua sabedoria, mas pela intervenção miraculosa de Iahweh.

Os três relatos de disputa (capítulos 2, 4 e 5) têm um padrão estrutural comum: o rei é confrontado com sonhos ou sinais que não consegue entender (Dn 2,1; 4,5 e 5,5-7), lembrando o sonho de Faraó em Gn 41,7-8; os sábios caldeus também não conseguem entender, falhando, portanto, em sua função (Dn 2,10-11; 4,7-8 e 5,8 – lembrando o paralelo Gn 41,8); Daniel é bem-sucedido ao substituí-los (Dn 2,25-45; 4,19-27 e 5,25-29; com Gn 41,25-36); e, por fim, Daniel é exaltado, a exemplo de José (Dn 2,46-49; 5,29 e Gn 41,39-42). No capítulo 4 a exaltação é omitida por Daniel já estar numa posição de autoridade. Essa relação com o personagem do Gênesis ressalta o aspecto sapiencial dos contos de Daniel.

No capítulo 2 a mensagem difere da dos capítulos 4 e 5: nestes há uma crítica aos reis gentios, e naquele o foco recai somente sobre a sabedoria de Daniel e a supremacia do Deus dos judeus, estando ausente a crítica ao rei (ao contrário, Nabucodonosor é exaltado e se “converte” ao deus dos judeus, cf. Dn 2,47).

Esse tipo de composição envolvendo sábios no ambiente de cortes era comum no Oriente Próximo. Daí é feita a aproximação com as histórias de José, Ester e Aicar⁹. Dessa associação, Mathias Delcor concluiu que os seis primeiros capítulos deveriam ser entendidos como *midrax*: “Podem-se distinguir dois gêneros fundamentais [em Daniel], o *midrax* e o apocalipse”¹⁰. Assim, ele classifica dois gêneros no livro de Daniel: os seis primeiros capítulos seriam *midrax*; já os capítulos 7 a 12 seriam de fato *apocalipse*.

Essa classificação de *midrax* para os seis primeiros capítulos se dá especialmente na escola francesa. Hartman e Di Lella afirmam que “romance religioso” (ou

7. SCHREINER, J. (Ed.). Formas y géneros literarios en el Antiguo Testamento. In: *Introducción a los métodos de la exégesis bíblica*, p. 261-262.

8. COLLINS, J.J. *The Apocalyptic Vision of the Book of Daniel*, p. 33-34.

9. Idem. *Daniel: A Commentary on the Book of Daniel*, p. 39-41.

10. DELCOR, Mathias. *Le livre de Daniel*, p. 23.

“relato de cortesão sábio”) é um tipo específico de *midrax*¹¹. Mas o que podemos, de fato, classificar como “*midrax*” em termos de gênero literário?

M.P. Fernández propõe uma acepção dupla para o termo “*midrax*”, uma se referindo ao gênero literário em si mesmo, e outra em referência a uma obra ou conjunto de obras escritas nesse gênero. Quanto à primeira acepção, “tem a conotação de determinado *gênero literário* consistente, em linhas gerais, em uma peculiar interpretação e aplicação do texto bíblico”¹²; em sentido derivado, no uso fora do âmbito dos especialistas, o termo é usado coloquialmente para designar uma narração não histórica, lendária. Na segunda acepção do termo, “assinala a obra ou as obras escritas nesse gênero”¹³. Collins afirma que uma definição conveniente para *midrax* seria “um trabalho que tenta fazer um texto da Escritura compreensível, proveitoso e relevante para uma geração posterior”¹⁴.

De fato, os paralelos entre José e Daniel são evidentes e numerosos. Entretanto, apesar disso, os relatos de Daniel não podem ser classificados como “*midrax*”, pois, segundo Collins, “em Daniel não se trata em caso nenhum de interpretar ou recontar a história de José. Trata-se de um novo herói peculiar em uma situação diferente. A influência do Gênesis é somente um fator, entre muitos outros, na formação dos relatos”¹⁵. A mesma opinião é compartilhada por Asurmendi: “O ‘*midrax*’ como gênero literário e como procedimento de interpretação não serve para explicar Dn 1–6”¹⁶.

A relação de Daniel com o livro de Ester e a história de Aicar apresenta, de fato, um esquema de certa forma comum: um personagem de baixa condição social consegue solucionar problemas ou enigmas propostos na corte real, ao passo que os “sábios” não conseguem resolver o problema. O herói é recompensado pelo rei com a elevação de seu *status* social, passando a ocupar funções-chave na corte.

Todos esses relatos possuem uma dimensão sapiencial evidente: graças à sabedoria do herói, os problemas são resolvidos. Entretanto, nos relatos de Daniel, Ester e José a dimensão religiosa tem lugar preponderante (a sabedoria dos personagens vem do Deus de Israel), o que já não ocorre no relato de Aicar¹⁷. O que é certo em todos eles é o seu caráter fictício; entretanto, isso não exclui o aparecimento de personagens e fatos do âmbito histórico, sem, com isso, pretender autenticidade histórica. A relação com a história de Aicar (a qual é geralmente considerada como originária na Mesopotâmia por causa de seu marco social na corte Assíria) é importante por revelar que esse tipo de relato era muito difundido no Antigo Oriente Próximo:

11. HARTMAN, L.F.; DI LELLA, Alexander A. *The Book of Daniel*, p. 55.

12. FERNÁNDEZ, M.P. (Ed.). Literatura rabinica. In: *Literatura judaica intertestamentária*, p. 427 (grifo do autor).

13. *Ibidem*.

14. COLLINS, J.J. *Daniel: A Commentary on the Book of Daniel*, p. 39.

15. *Ibidem*, p. 40.

16. ASURMENDI, J.M. Daniel e a apocalíptica. In: CARO, J.M.S. (Ed.). *História, narrativa, apocalíptica*, p. 419.

17. No caso de Ester, isso não é mencionado claramente no texto hebraico (a não ser na adição final grega); entretanto, a Providência conduz todas as peripécias da trama, cumprindo o desígnio de salvação estabelecido pelo Deus dos judeus.

É evidente que a história de Aicar pertence ao mesmo tipo de literatura que o livro de Daniel, em termos de marco social, tipo de intriga e, em parte, devido ao linguajar. As afinidades de Daniel com Aicar são importantes porque elas mostram que esse tipo de literatura não era somente de tradição intrabíblica ou intrajudaica¹⁸.

Os capítulos 7 a 12 constam de quatro visões que são apresentadas a Daniel contendo profecias: os quatro animais (capítulo 7); o bode e o carneiro (capítulo 8); oração de Daniel e as 70 semanas (capítulo 9); e a grande visão do tempo da ira e do tempo do fim (capítulos 10–12). Essas visões apresentam datação nos reinados de Baltazar, de “Dario, o medo”, e de Ciro, rei da Pérsia.

O livro como um todo possui evidentes afinidades com os apocalipses do tipo “histórico” (seguindo a classificação de Collins citada acima), os quais se distinguem pelo uso da profecia *ex eventu* e a revelação em forma de visão simbólica. As visões normalmente envolvem¹⁹:

1. Uma indicação das circunstâncias envolvidas;
2. A descrição da visão, introduzida por um termo como “eis”;
3. Um pedido para a interpretação, muitas vezes feito devido ao temor ocasionado por ela;
4. A interpretação, geralmente fornecida por um anjo;
5. Material conclusivo, o qual pode incluir a reação do visionário, instruções ou parênese.

Vários estudos recentes têm deslocado a discussão do gênero para novas direções. Settembrini analisa o livro de Daniel especialmente sob o viés da “forma de sabedoria apocalíptica”; para ele, o gênero sapiencial permeia todo o livro e funciona como conexão entre as duas partes. Seu trabalho se concentra especialmente na segunda parte, os capítulos 7–12; por meio desse tipo de sabedoria, os sábios alcançarão seu destino final glorioso. Assim, engrandecendo a dimensão sapiencial, esse autor considera Daniel mais literatura sapiencial do que apocalíptica²⁰. Goldingay e Van Deventer observam que a análise literária de Daniel sugere possíveis caminhos de investigação sincrônica para complementar as questões diacrônicas que ainda permanecem²¹. Smith-Christopher apresenta uma análise sociológica do livro de Daniel que identifica o livro como literatura de resistência e proporciona uma ligação temática entre as narrativas da corte (capítulos 1–6) e as visões (7–12), ligação essa que unifica a mensagem global do livro²².

18. COLLINS, J.J. *Daniel: A Commentary on the Book of Daniel*, p. 41.

19. *Ibidem*, p. 54-55.

20. SETTEMBRINI, Marco. *Sapienza e storia in Dn 7-12*, especialmente p. 67-215.

21. GOLDINGAY, J. Story, Vision, Interpretation: Literary Approaches to Daniel. In: VAN DER WOUDE, A.S. (Ed.). *The Book of Daniel in the Light of New Findings*, p. 295-313; VAN DEVENTER, H.J.M. *Struktur en boodskap(pe) in die boek Daniël. HvTSt 59.1* (2003), p. 191-223.

22. SMITH-CHRISTOPHER, D.L. Daniel. In: KECK, Leander E. (Ed.). *NIB*, p. 17-152., v. 7.

A iniciativa de identificar os contos de Daniel como literatura de narrativas de sucesso em uma corte real (isto é, como uma espécie de manual sobre como ser religiosamente fiel e ainda desfrutar o sucesso do mundo na corte do rei estrangeiro)²³ até o reconhecimento desse material como literatura de resistência abre o caminho para uma reconsideração de seu gênero. Essa mudança fornece uma ligação temática mais adequada entre os relatos da corte e, obviamente, também com a visão mais negativa dos reis e impérios retratados pelas visões da segunda parte. O artigo de Smith-Christopher mais recente analisa como orações e sonhos são politizados nas histórias para representar os anseios dos menos favorecidos e oprimidos, bem como a verdadeira natureza de poder em posse da divindade hebraica²⁴.

Brenner identifica o motivo literário do governante estrangeiro obtuso e como ele funciona como um dispositivo de humor e sátira para ridicularizar o rei²⁵. Em sua análise, Chia explora como, em Dn 1, a recusa em aceitar os novos nomes babilônicos e a alimentação da mesa real exemplifica resistência às pretensões imperiais de poder e controle²⁶. Henze desafia as suposições em geral aceitas sobre a origem e funções das narrativas da corte e identifica o conflito como o tema principal das narrativas²⁷. Sweeney demonstra que o objetivo político e religioso de sobrepujar a dominação selêucida de Antíoco IV sobre Israel permeia todo o livro²⁸. Fewell argumenta que o livro de Daniel pode ser o principal livro de resistência contra dominação em toda a Bíblia²⁹. Polaski explora a forma como a escrita em Dn 5 e 6 é usada tanto como a chave para o correto desempenho da autoridade imperial quanto para subverter e frustrar a autoridade do rei³⁰. Kirkpatrick lê Dn 1–6 pelo viés dos modelos sociocientíficos e articula uma compreensão destas narrativas como resistência à ameaça da perda da tradição e identidade judaicas em face de uma esmagadora e opressora dominação helenística³¹. A resistência é expressa por meio de uma comparação contínua entre a relação de proteção de Iahweh para com seu povo e as relações instituídas pelos opressores estrangeiros. A

23. HUMPHREYS, W. Lee. Life-Style for Diaspora: A Study of the Tales of Esther and Daniel. *JBL* 92.2 (1973), p. 211-223.
24. SMITH-CHRISTOPHER, D.L. Prayers and Dreams: Power and Diaspora Identities in the Social Setting of the Daniel Tales. In: COLLINS, J.J.; FLINT, P.W. (Ed.). *The Book of Daniel: Composition and Reception*, p. 266-290. v. 1.
25. BRENNER, Athalya. Who's Afraid of Feminist Criticism? Who's Afraid of Biblical Humor? The Case of the Obtuse Foreign Ruler in the Hebrew Bible. In: *Prophets and Daniel*, p. 228-244.
26. CHIA, Philip. On Reading the Subject: Postcolonial Reading of Daniel 1. In: SUGIRTHARAJAH, R.S. (Ed.). *The Postcolonial Biblical Reader*, p. 171-186.
27. HENZE, Matthias. The Ideology of Rule in the Narrative Frame of Daniel (Daniel 1-6). *SBLSP* 38 (1999), p. 527-539; cf. também, do mesmo autor, The Narrative Frame of Daniel: A Literary Assessment. *JSJ* 32.1-4 (2001), p. 5-24.
28. SWEENEY, Marvin A. The End of Eschatology in Daniel? Theological and Socio-Political Ramifications of the Changing Contexts of Interpretation. *BibInt* 9.2 (2001), p. 123-140.
29. FEWELL, Danna N. Chapter Five: Resisting Daniel. In: *The Children of Israel: Reading the Bible for the Sake of Our Children*, p. 117-130.
30. POLASKY, D.C. Mene, Mene, Tekel, Parsin: Writing and Resistance in Daniel 5 and 6. *JBL* 123.4 (2004), p. 649-669.
31. KIRKPATRICK, Shane. *Competing for Honor: A Social Scientific Reading of Daniel 1-6*, p. 4-66; aqui especialmente p. 38.

comparação favorece a tradição judaica e, portanto, parece ser um convite para a recusa das imposições imperiais estrangeiras.

Como se vê, essas análises literárias que levam em conta as narrativas de Daniel como sendo um tipo de literatura de resistência continuam a ser um viés bastante valorizado na crítica atual (o que, de certa forma, reforça a tese tradicional da apocalíptica quanto literatura oriunda em tempos de crise). Por fim, há um consenso entre os estudiosos de que a primeira parte do livro (Dn 1–6) traz tradições mais antigas e várias expressões literárias (que, conforme citado acima, alguns autores nomeiam de “subgêneros”).

2. A época de composição

A composição final do livro de Daniel é tida como efetivada no Período Macabeu, entre 167 e 164 aC³². O capítulo 11 fornece indicação precisa: as guerras entre os Ptolomeus e Selêucidas são narradas em detalhes, bem como o reinado de Antíoco IV Epífanes (175-164 aC), o qual tentou estabelecer o culto e a civilização helênicos no território sob sua jurisdição e dedicou o Templo de Jerusalém a Zeus (cf. 2Mc 6,2). Assim, recaiu sobre o segundo templo a “abominação da desolação” (Dn 11,31; 12,11). O narrador utiliza a profecia *ex eventu*, uma característica do gênero apocalíptico em geral: os acontecimentos de seu tempo, a época helenística, são colocados numa visão dada ao personagem Daniel “no terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia” (Dn 10,1)³³.

Montgomery defende diferentes épocas de composição para as histórias compiladas no livro. Os capítulos 7 a 12 “pertencem aos primeiros anos da revolta dos macabeus, 168-165 aC; as quatro visões são consideradas como sendo compostas uma por uma”³⁴. O mesmo postulam Bauer e Redditt, os quais exploram o desenvolvimento redacional de Daniel como uma série de edições anteriores e durante o tempo da perseguição sob Antíoco IV³⁵. Gammie acredita ter havido três estágios primários no desenvolvimento do livro, com a intenção original modificada de acordo com as circunstâncias históricas da comunidade judaica. Poderia ter havido, então, vários redatores, cada qual adaptando o material ao seu tempo e objetivo, sendo o último deles o redator macabeu, responsável pela última visão (capítulos 10–12)³⁶. Collins assevera que “as histórias dos capítulos 1 a 6 não são mais antigas que o Período Helenístico, e que as revelações nos capítulos 7 a 12 foram escritas no Período Macabeu quando o rei sírio

32. A tentativa mais recente para estabelecer a possibilidade de datação no IV século aC para a composição do livro foi feita por E. C. Lucas, o qual assegura que há argumentos plausíveis tanto para a datação no VI quanto no II século aC, e que essa questão não afetaria a crença na inspiração divina ou autoridade do livro (LUCAS, E.C. *Daniel*, *Apollos Old Testament Commentary* 20, 2002).

33. Cf. SOARES, D.O. O livro de Daniel: aspectos sócio-históricos de sua composição. *Atualidade Teológica*, 29 (2008), p. 237-247.

34. MONTGOMERY, J.A. *ICC*, p. 96.

35. BAUER, Dieter. *Das Buch Daniel*, 1996; REDDITT, Paul L. *Daniel: Based on the New Revised Standard Version*, 1999.

36. GAMMIE, J.G. *Op. cit.*

Antíoco Epífanes estava perseguindo os judeus”³⁷. A tese da composição em vista das perseguições impostas por Antíoco IV também é defendida por Russell, o qual acredita que a obra reflete um protesto contra a cultura estrangeira (helenística) e um encorajamento à permanência nos princípios da fé judaica³⁸. Lacocque afirma que o livro é um documento comprometido não com algo abstrato ou especulativo, mas antes enfrenta as questões da vida real acerca da perseguição, do sofrimento e do mal que tantas pessoas também enfrentam no mundo moderno³⁹. Lederach enfatiza o tema universal da resistência ao mal presente em Daniel, investiga o texto em seu contexto bíblico e faz uma aplicação à vida da Igreja⁴⁰.

O consenso é que as narrativas presentes em Dn 1–6 já tinham uma longa e antiga tradição oral e escrita quando elas foram recolhidas e editadas no II século aC, sendo então combinadas e associadas às visões de Dn 7–12. Essa combinação foi feita, muito provavelmente, na época de domínio de Antíoco IV, conforme revela o capítulo 11. É justamente neste capítulo que os *maskîlîm* (“os sábios”, termo aplicado a Daniel e seus companheiros já no primeiro capítulo do livro) desempenham papel primordial contra a perseguição de Antíoco.

3. A comunidade representada pelo livro

Os destinatários do livro, a comunidade representada pelo editor, está diretamente relacionada ao seu marco social. O consenso tradicional de que os apocalipses são “literatura de crise” é baseado primeiramente nos apocalipses do tipo “histórico”, os quais apareceram a partir de grandes crises provocadas por perseguição sob o governo de Antíoco Epífanes e posteriormente na época da destruição de Jerusalém pelos romanos. A diferença crucial em relação ao profetismo bíblico está justamente numa expectativa de retribuição pessoal (recompensa ou punição) no pós-morte, embora em muitos apocalipses isso ocorra no contexto de uma restauração do povo como um todo. Como no profetismo, julgamento e salvação incluem a restauração do povo judaico, mas nos apocalipses incluem também a transcendência dos limites comuns da história para uma esfera de ação cósmica no julgamento e retribuição aos mortos, normalmente pela ressurreição⁴¹. Assim, as predições escatológicas nos apocalipses históricos normalmente seguem o padrão crise-julgamento-salvação.

No caso de Daniel, a perseguição sobre Antíoco Epífanes forma o *background* da composição do livro, conforme assinalado acima⁴². O estudo do marco social retratado no livro leva, invariavelmente, ao estudo de sua função social, gênero e datação.

37. COLLINS, J.J. *Daniel, with an Introduction to Apocalyptic Literature*, p. 28.

38. RUSSELL, D.S. *Apocalyptic: Ancient and Modern*, p. 10.

39. LACOCQUE, A. Daniel. In: PATTE, D. (Ed.). *Global Bible Commentary*, p. 253-261.

40. LEDERACH, Paul M. *Daniel*, especialmente p. 29-31.

41. O *Apocalipse das Semanas* não menciona claramente a ressurreição, mas há uma referência clara em 1En 93,1-10 e 91,11-17.

42. Sobre a relação entre o texto de Daniel e sua historicidade, cf. COLLINS, J.J. *Daniel and His Social World*. *Int* 39.2 (1985), p. 131-143.

J.R. Cristofani acredita que o gênero do livro, juntamente com seu *Sitz im Leben*, a datação (167-164 aC), a estrutura e o caráter bilíngue colaboram para se precisar a situação vivencial dos possíveis articuladores do livro⁴³. Ele assegura que qualquer análise de Daniel deve levar em conta o seguinte: o grupo a que se refere o livro deve ser procurado em Jerusalém; a sua existência e atuação devem estar entre os séculos III e II aC; o caráter compósito do livro (gênero, língua, contexto histórico) parece indicar um processo de mudança social; e o grupo teve um relacionamento tranquilo, até certo ponto, com o poder estrangeiro durante o período anterior a Antíoco IV Epífanes.

Por outro lado, os heróis presentes no livro são situados no marco da diáspora, e suas vidas têm a função de servir como exemplo aos que vivem em situações semelhantes. Daí ser muito provável que as lendas da primeira parte do livro tenham surgido em terras de exílio, oferecendo um “estilo de vida” para os judeus da diáspora, mostrando a eles a possibilidade de participarem plenamente da vida de uma nação estrangeira, revelando principalmente a possibilidade de prosperarem e serem fiéis ao Deus de seus pais. Dessa forma, “o estilo de vida proposto para a diáspora, então, era de ativa participação na vida gentílica, mas sem comprometer as exigências da tradição judaica”⁴⁴.

Os relatos de Dn 1–6 têm como base histórica, então, a diáspora oriental: o marco histórico proposto tem como ponto de partida o Império Neobabilônico, em que os personagens são colocados, e ponto de chegada o Império Persa, pois Daniel fica servindo à corte até o primeiro ano do Rei Ciro, passando pelo reinado de “Dario, o medo” (Dn 6,1). Já na segunda parte do livro (capítulos 7–12) o marco se estende, incluindo um quarto império, o Grego (o “príncipe de Java”, a Jônia, em Dn 10,20)⁴⁵.

Na segunda parte a figura dos *maskilim* toma mais proeminência, conforme assinalado acima. Para Redditt as referências aos sábios (*maskilim*) em Dn 11 são um reflexo dos círculos que produziram essa literatura, particularmente em contextos cúlticos e sapienciais⁴⁶. Knibb sustenta a visão de que o manticismo foi a matriz para o surgimento da literatura apocalíptica; os autores de Daniel pertenciam a uma classe de escribas, mas o livro não oferece indícios suficientes para determinar se eles pertenciam a um determinado partido político ou religioso⁴⁷. Albertz argumenta que a parte aramaica de Daniel tem como marco social o final do III século aC, ao passo que as porções hebraicas teriam se originado entre os *hasidim* do II século na Judeia. Os *hasidim* eram escribas piedosos que se situavam socialmente entre a aristocracia sacerdotal es-

43. CRISTOFANI, José R. A expressão “Filho do Homem” em Daniel. In: NOGUEIRA, P.A.S. (Ed.). *Apocalíptica e as origens cristãs*, p. 25-44; aqui, p. 34.

44. COLLINS, J.J. *Daniel: A Commentary on the Book of Daniel*, p. 51. Cf. também, do mesmo autor, *The Apocalyptic Vision of the Book of Daniel*, p. 55: “Há um largo consenso entre os estudiosos de que os relatos surgiram na Diáspora Oriental”.

45. ASURMENDI, J.M. Daniel e a apocalíptica. In: CARO, José M. Sánchez (Ed.). *História, narrativa e apocalíptica*, p. 420-425.

46. REDDITT, P.L. Daniel 11 and the Sociohistorical Setting of the Book of Daniel. *CBQ* 60.3 (1998), p. 463-474.

47. KNIBB, M.A. “You Are Indeed Wiser Than Daniel!”: Reflections on the Character of the Book of Daniel. In: VAN DER WOUDE, A.S. (Ed.). *Op. cit.* p. 399-412.

tabelecida e as classes mais baixas. Eles foram divididos em pelo menos duas facções em relação à questão de a Revolta dos Macabeus ser justificável teologicamente ou não⁴⁸. Beyerle considera que o livro tenciona uma substituição do sistema social existente. Dentro do contexto apocalíptico visionário de Daniel, essa substituição inclui a esperança de salvação. O círculo mais provável para a origem de Daniel seria, portanto, os *maskîlîm*⁴⁹.

Grabbe também situa o marco social do redator do livro na época dos gregos⁵⁰. O redator teria sido um indivíduo instruído que teve acesso às obras helenísticas e, provavelmente, era um aristocrata, possivelmente um sacerdote. Seu livro se estabeleceu rapidamente como um trabalho importante, sendo lido imediatamente em busca de pistas acerca do futuro imediato, firmando, assim, sua trajetória nas mãos dos intérpretes posteriores judeus e cristãos. Davies sugere que três símbolos podem definir o mundo social de Daniel: o livro, a corte e o segredo. No livro de Daniel, tudo o que é significativo é feito por escrito, um símbolo de autoridade política e poder. Portanto, os autores do livro eram despojados de elite, e o simbolismo de segredo presente em Daniel negaria a aparente realidade dos acontecimentos⁵¹. Davies ainda investiga a identidade dos *maskîlîm* mencionados em Dn 12,3 na suposição de que eles são a escola de escribas responsáveis pela produção da forma final do livro de Daniel⁵². Ele conclui que os *maskîlîm* tinham suas raízes na diáspora, identificados como uma elite privada de seus direitos que era provavelmente alistada para os movimentos sectários opostos aos hasmoneus, sendo aliados em potencial dos sacerdotes sadoquitas. As narrativas não eram destinadas ao povo em geral, mas antes originadas em classes mais altas, refletindo a preocupação desse tipo de pessoas.

Entretanto, também é importante considerar a evidência da natureza popular das narrativas na determinação da proveniência social do livro. Se ele tem, na verdade, uma longa história de composição, como a maior parte dos estudiosos afirma, esse fato poderia ser um indicador da popularidade do livro⁵³. O melhor medidor de sua popularidade são provavelmente as muitas versões existentes disponíveis atualmente⁵⁴. Assim sendo, a hipótese de elite do marco social de Daniel por si só não justifica a grande popularidade do livro, e explicações alternativas são possíveis. O cenário das narrativas em corte estrangeira não significa necessariamente que as histórias cumpram sua finalidade unicamente (ou mesmo principalmente) em círculos reais. Os contos não são simplesmente um relato factual dos detalhes da vida na corte, mas, em vez disso, contêm exageros,

48. ALBERTZ, R. The Social Setting of the Aramaic and Hebrew Book of Daniel. In: COLLINS, J.J.; FLINT, P.W. (Ed.). Op. cit. p. 171-204.

49. BEYERLE, S. The Book of Daniel and Its Social Setting. In: *Ibidem*, p. 205-228. v. 1.

50. GRABBE, L.L. A Dan(iel) for All Seasons: For Whom Was Daniel Important? In: *Ibidem*, p. 229-246.

51. DAVIES, P.R. Reading Daniel Sociologically. In: VAN DER WOUDE, A.S. (Ed.). Op. cit. p. 345-361.

52. *Idem*. The Scribal School of Daniel. In: COLLINS, J.J.; FLINT, P.W. (Ed.). Op. cit. p. 247-265.

53. COLLINS, J.J. *Daniel: A Commentary on the Book of Daniel*, p. 35-38.

54. HENZE, Matthias. *The Madness of King Nebuchadnezzar: The Ancient Near Eastern Origins and Early History of Interpretation of Daniel 4*, p. 19-23; KOCH, Klaus. Stages in the Canonization of the Book of Daniel. In: COLLINS, J.J.; FLINT, P.W. (Ed.). Op. cit. p. 421-446, v. 2; ULRICH, E. The Text of Daniel in the Qumran Scrolls. In: *Ibidem*, p. 573-585, especialmente p. 581-582.

como, por exemplo, a fúria real excessiva (Dn 1,10; 2,5; 3,19), jantares magníficos para mil nobres (Dn 5,1), e aparentemente elogios efusivos e supostas conversões de reis estrangeiros à fé judaica (Dn 2,47; 3,28-30; 4,31-34).

Henze constata que semelhantes exageros não são suscetíveis de serem originados em círculos bem familiarizados com os valores da corte⁵⁵. É bem provável que tais descrições extravagantes sejam projeções dos desejos dos desprivilegiados. Assim, é possível que as histórias não tenham sido criadas pelos judeus bem posicionados no exílio, mas refletem a imaginação daqueles situados bem abaixo dos círculos sociais da corte⁵⁶. Os personagens das narrativas são retratos exagerados que servem aos propósitos do gênero literário “relatos da corte”; os judeus são extremamente piedosos, eloquentes e sábios, ao passo que o monarca é um tanto estúpido, e seus assessores arditos e maléficos. Os contos oferecem esperança aos judeus na diáspora, apresentando os tipos de personagens que personificam as esperanças nacionais dos judeus exilados (heróis virtuosos) e criando situações fantásticas com personagens exagerados que apresentam a mensagem de resistência satírica dos contos. Wills, Davies e Gruen reconhecem os impulsos populares, bem-humorados e criativos presente no âmago dos escritos novelescos judaicos⁵⁷.

Davis observa que a preocupação histórica sobre a proveniência do material de Daniel em círculos profético, sapiencial ou apocalíptico diminuiu quando a questão da possível localização social desses “movimentos” foi levantada. Assim sendo, a adequação de uma correspondência direta entre o ambiente social do texto no livro de Daniel e o mundo social efetivo da narrativa tornou-se uma questão séria a ser discutida. O próprio Davies já havia passado em revista as diversas sugestões para a proveniência social do material de Daniel e demonstrado que não há consenso⁵⁸. Ele simplesmente concluiu que não é possível saber precisamente onde esse material se originou. Essa tendência de peneirar e expurgar as evidências sociológicas do fluxo do texto foi substituída pelo próprio Davies naquilo que ele caracterizou num artigo mais recente como uma “hermenêutica da suspeição”⁵⁹, a fim de discernir os interesses ideológicos subjacentes ao texto.

De fato, o uso imaginativo de humor e sátira nessas narrativas reflete uma manipulação criativa da realidade social da vida na corte real para fins de resistência ao rei e ao império, elaborando assim uma ligação temática com os julgamentos presentes nas visões de Dn 7–12. Como pode ser visto, o livro de Daniel, em sua forma final, reflete

55. HENZE, Matthias. The Narrative Frame of Daniel: A Literary Assessment. *JSJ* 32.1-4 (2001), p. 5-24; aqui p. 16-17.

56. CHARLESWORTH, J.H. The Social Setting and Origin of Jewish Apocalyptic Literature. In: *How Barisat Bellowed: Folklore, Humor, and Iconography in the Jewish Apocalypses and the Apocalypse of John*, p. 23-47.

57. Cf. WILLS, L.M. *The Jewish Novel in the Ancient World*, p. 5; DAVIES, P.R. *Scribes and Schools: The Canonization of the Hebrew Scriptures*, p. 144; GRUEN, E.S. *Diaspora: Jews amidst Greeks and Romans*, p. 137.

58. DAVIES, P.R. Reading Daniel Sociologically. In: VAN DER WOUDE, A.S. (Ed.). Op. cit. p. 347.

59. Idem. The Scribal School of Daniel. In: COLLINS, J.J.; FLINT, P.W. (Ed.). Op. cit. p. 247.

o desejo de resistência e a esperança de vitória de uma comunidade exposta num ambiente de crise e perseguição política, religiosa e social.

Conclusão

Resistência ao império, e não avanço social e político, é o propósito fundamental dessas narrativas, e isso possibilita o reconhecimento de um marco social mais popular para a gênese dos contos na primeira parte do livro. A ligação entre as duas partes, pelo gênero e marco social, revela uma comunidade em crise, à espera de esperança e salvação por parte de Iahweh.

Montgomery acredita que o gênero apocalíptico é peculiar em seu aspecto literário, pois este não pode ser facilmente distinguido de seu “conteúdo espiritual”. A análise do caráter literário do livro de Daniel traz junto a análise de seu caráter religioso⁶⁰.

A luta entre “bem” e “mal”, a presença de um personagem exemplar, inspirado por Iahweh, uma temática que incentiva a confiança e a obediência dos leitores em seu Deus, estão de fato presentes nos relatos da corte, sempre opondo os personagens judeus aos personagens caldeus, e, assim, os deuses destes ao Deus daqueles, com Iahweh sempre triunfando. Esses relatos possuem inúmeros elementos em uma exposição satírica unificada de literatura de resistência que é consistente com o mundo social do livro e com a atitude de julgamento para com Antíoco IV encontrada em Dn 7–12.

Assim, o livro de Daniel tem como principal objetivo levar a fidelidade aos judeus em tempo de crise. Numa leitura hermenêutica, podemos entender que todo servo de Deus, sempre que questionada a sua fé, sua postura ou princípios, deve manter a sua fidelidade, não importa o quanto sejam contrárias as circunstâncias.

O povo de Deus ainda ocupa o lugar central, apesar da proeminência de reis e governantes. Em última análise, é Deus quem está no controle do mundo, e não os reis e impérios humanos, e ele trará a história humana à sua consumação com a vitória final do bem sobre o mal. Além disso, é ao seu povo que Deus manifesta seus desígnios divinos, para revelação ao mundo, como o personagem Daniel revela “os feitos do Senhor” diante de reis estrangeiros. O livro de Daniel pode ser compreendido, então, como literatura de resistência; sua palavra-chave é a fidelidade, independentemente das circunstâncias. A resistência deve ser compreendida no sentido de perseverança e vigilância, as quais devem permanecer até o fim (Dn 12,12), conforme afirmado também pelo próprio Jesus (Mc 13,13).

Referências bibliográficas

BAUER, Dieter. *Das Buch Daniel*. Stuttgart: Verlag Katholisches Bibelwerk, 1996.

BRENNER, Athalya. *Prophets and Daniel*. London: Sheffield Academic Press, 2001.

60. MONTGOMERY, J.A. *ICC*, p. 100-104.

- CARO, J.M. Sánchez (Ed.). *História, narrativa, apocalíptica*. Tradução de José J. Sobral. São Paulo: Ave-Maria, 2004.
- CHARLESWORTH, J.H. *How Barisat Bellowed: Folklore, Humor, and Iconography in the Jewish Apocalypses and the Apocalypse of John*. North Richland Hills, TX: Bibal Press, 1998.
- COLLINS, J.J. *Daniel: A Commentary on the Book of Daniel*. Minneapolis: Fortress Press, 1993.
- _____. Daniel and His Social World. *Interpretation*, Richmond, Union Theological Seminary, v. 39, n. 2, p. 131-143, April 1985.
- _____. *Daniel, with an Introduction to Apocalyptic Literature*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1984.
- _____. *The Apocalyptic Vision of the Book of Daniel*. Montana, MT: Scholars Press, 1977.
- COLLINS, J.J.; FLINT, P.W. (Ed.). *The Book of Daniel: Composition and Reception*. Leiden; Boston: Brill, 2001. 2 v.
- DAVIES, P.R. *Scribes and Schools: The Canonization of the Hebrew Scriptures*. Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 1998.
- DELCOR, Mathias. *Le livre de Daniel*. Paris: J. Gabalda, 1971.
- FERNÁNDEZ, Miguel P. (Coord.). *Literatura judaica intertestamentária*. Tradução de Mário Gonçalves. São Paulo: Ave-Maria, 2000.
- FEWELL, Donna N. *The Children of Israel: Reading the Bible for the Sake of Our Children*. Nashville: Abingdon Press, 2003.
- GAMMIE, J.G. The Classification, Stages of Growth, and Changing Intentions of the Book of Daniel. *Journal of Biblical Literature*, Atlanta, SBL, v. 95, n. 2, p. 191-204, June 1976.
- GOODING, David W. The Literary Structure of the Book of Daniel and Its Implications. *Tyndale Bulletin*, London, InterVarsity Press, v. 32, p. 43-79, 1981.
- GRUEN, Erich S. *Diaspora: Jews amidst Greeks and Romans*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2002.
- HARTMAN, L.F.; Di LELLA, A.A. *The Book of Daniel*. Garden City, NY: Doubleday, 1978.
- HENZE, M. The Narrative Frame of Daniel: A Literary Assessment. *Journal for the Study of Judaism in the Persian, Hellenistic and Roman Period*, Leiden, Brill, v. 32, n. 1-4, p. 5-24, 2001.
- _____. The Ideology of Rule in the Narrative Frame of Daniel (Daniel 1-6). *Society of Biblical Literature Seminar Papers*, Atlanta, Scholars Press, v. 38, p. 527-539, 1999.

_____. *The Madness of King Nebuchadnezzar: The Ancient Near Eastern Origins and Early History of Interpretation of Daniel 4*. Leiden; Boston: Brill, 1999.

HUMPHREYS, W. Lee. Life-Style for Diaspora: A Study of the Tales of Esther and Daniel. *Journal of Biblical Literature*, Atlanta, SBL, v. 92, n. 2, p. 211-223, June 1973.

KECK, Leander E. (Ed.). *The New Interpreter's Dictionary of the Bible*. Nashville: Abingdon Press, 1996. v. 7.

KIRKPATRICK, Shane. *Competing for Honor: A Social Scientific Reading of Daniel 1-6*. Leiden; Boston: Brill, 2005.

LEDERACH, Paul M. *Daniel*. Scottsdale, PA: Herald Press, 1994.

LUCAS, E.C. *Daniel*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2002.

MERLING, D. (Ed.). *To Understand the Scriptures: Essays in Honor of William H. Shea*. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2008.

MONTGOMERY, J.A. *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Daniel*. Edinburgh: T&T Clark, 1927. (The International Critical Commentary).

NOGUEIRA, P.A. de Souza (Ed.). *Apocalíptica e as origens cristãs*. Estudos de Religião 19, 2000. São Bernardo do Campo: UMESP. 253 p.

PATTE, Daniel (Ed.). *Global Bible Commentary*. Nashville: Abingdon Press, 2004.

POLASKY, D.C. Mene, Mene, Tekel, Parsin: Writing and Resistance in Daniel 5 and 6. *Journal of Biblical Literature*, Atlanta, SBL, v. 123, n. 4, p. 649-669, Winter 2004.

REDDITT, Paul L. *Daniel: Based on the New Revised Standard Version*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1999.

_____. Daniel 11 and the Sociohistorical Setting of the Book of Daniel. *The Catholic Biblical Quarterly*, Washington, Catholic Biblical Association of America, v. 60, n. 3, p. 463-474, July 1998.

RUSSELL, D.S. *Apocalyptic: Ancient and Modern*. London: SCM Press, 1978.

SCHREINER, Josef (Ed.). *Introducción a los métodos de la exégesis bíblica*. Versión castellana de Rafael Puente. Barcelona: Herder, 1974.

SETEMBRINI, Marco. *Sapienza e storia in Dn 7-12*. Roma: Editrice Pontificio Istituto Biblico, 2007.

SOARES, Dionísio O. A literatura apocalíptica: o gênero como expressão. *Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, BH, PUC Minas, v. 7, n. 13, p. 99-113, dez. 2008.

_____. O livro de Daniel: aspectos sócio-históricos de sua composição. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, PUC Rio, v. 29, p. 237-247, maio/ago. 2008.

SUGIRTHARAJAH, R.S. (Ed.). *The Postcolonial Biblical Reader*. Malden, MA; Oxford: Blackwell, 2006.